

ANATOMIAS

Poemas: Roseana Murray



esculturas - Evelyn Kligerman

Residência no ar edições digitais / 2021

ANATOMIAS

“Pensem nas feridas como rosas cálidas”
Da canção Rosa de Hiroshima, de Vinicius de Moraes

São magníficas esculturas incrustadas em palavras que pingam como gotas cristalinas. Ninguém nos convencerá de que não surgiram entrelaçadas, num sopro! E é em sopro que sussurram nossa própria história, nossas imemoriais questões: de onde viemos? Para onde vamos? Quem somos nós? Ei-lo aqui, em cada página, esse ser insondável que chamamos de humano, com garras recurvas e mãos de artífice; orgânico, concreto, divino. Ele é o tema e o autor da obra! Pois quem mais, senão esse estranho animal feito de ossos e espírito, poderia transformar vocábulos e barro em pura beleza? No entanto, cabe olhar mais uma vez. Fixar com mais intensidade palavras e formas. Sob a beleza há grandes ruídos. As esculturas avançam e perfuram a superfície plácida, a cerâmica se retorce em ferro. Os poemas deixam entrever o abismo, há igualmente cobre e bronze em sua fina tessitura. É a guerra! Que sempre nos acompanhou. Intimamente. Ou em legião. Visto que este também é o homem, eternamente em luta, em ardor e desamparo, entre fios, furioso, apaixonado. É assim, exatamente assim, em alturas e trincheiras, em ondulações cintilantes e explosões surdas, e, ao final, por fugaz amor, que a poeta e a escultora nos conduzem ao interior de corpos e almas. Em vinte e uma composições, elas nos mostram o que somos: frágeis vértebras e sublime engenhosidade.

Marici Passini, escritora

ROSEANA MURRAY



As esculturas em cerâmica da minha irmã Evelyn Kligerman, que trabalha o barro que nos é oferecido, às vezes, ilusoriamente como bronze, ferro, aço, não são de fácil leitura.

Falam de ossos, pregos, estruturas interiores, amarras, esqueletos, anatomias.

São obras surpreendentes e belíssimas.

Inesperadas aos olhos porque trazem algo muito arcaico e muito novo.

Mergulhei em suas peças para transformá-las em palavras, em poemas.

Foi uma experiência visceral, já que tive que mergulhar profundamente em meu próprio corpo muito machucado, cheio de cirurgias e cicatrizes, mas que também me serviu de referência.

Ofereço este trabalho ao leitor como se oferece algo precioso que se encontra depois de muitas escavações.

Evelyn Kligerman



Carioca, é ceramista, escultora e arte educadora.

Formou-se no **México** e na **Costa do Marfim** em escultura cerâmica.

Fez diversas exposições coletivas e individuais, tendo participado de mostras de arquitetura.

Com mais de 30 anos dedicados à cerâmica, abre, em 2011, sua loja/atelier em Visconde de Mauá - RJ





Talvez se pudesse ouvir
a música dos ossos
numa noite muito
escura, muito quieta.
As notas musicais
seriam como gotas
de orvalho,
quase invisíveis.



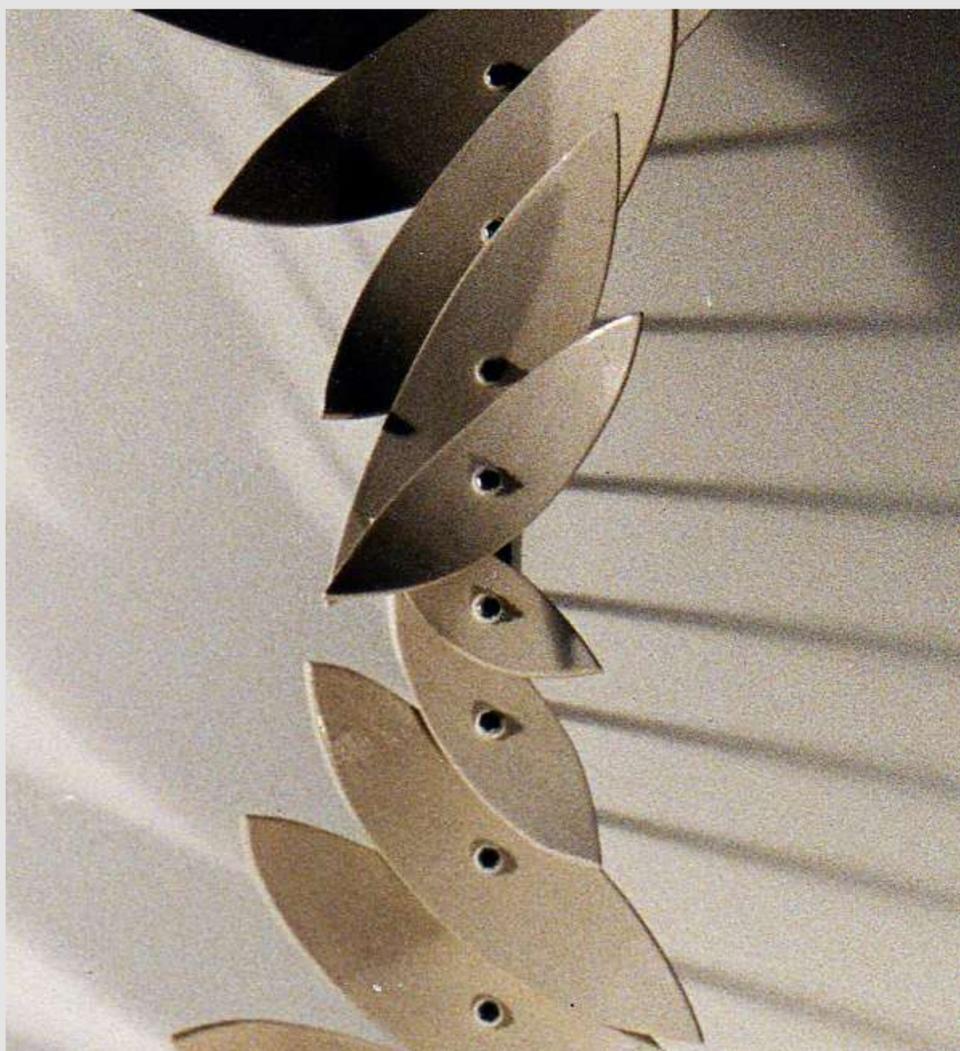


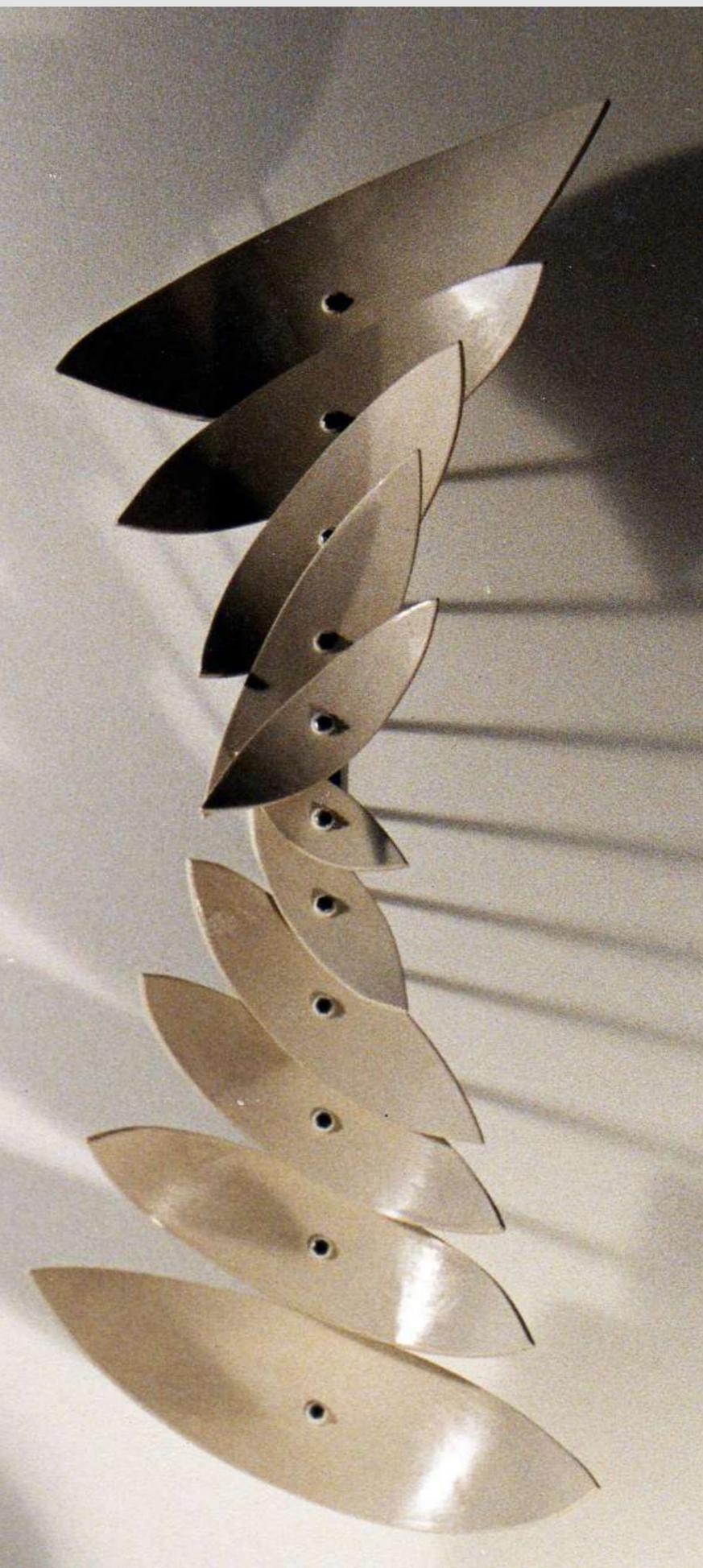
Vértebra por vértebra,
o corpo busca o nó
que tudo amarra,
como um feixe de flores
do campo,
bem atado,
que se carrega para
distribuir alegria.



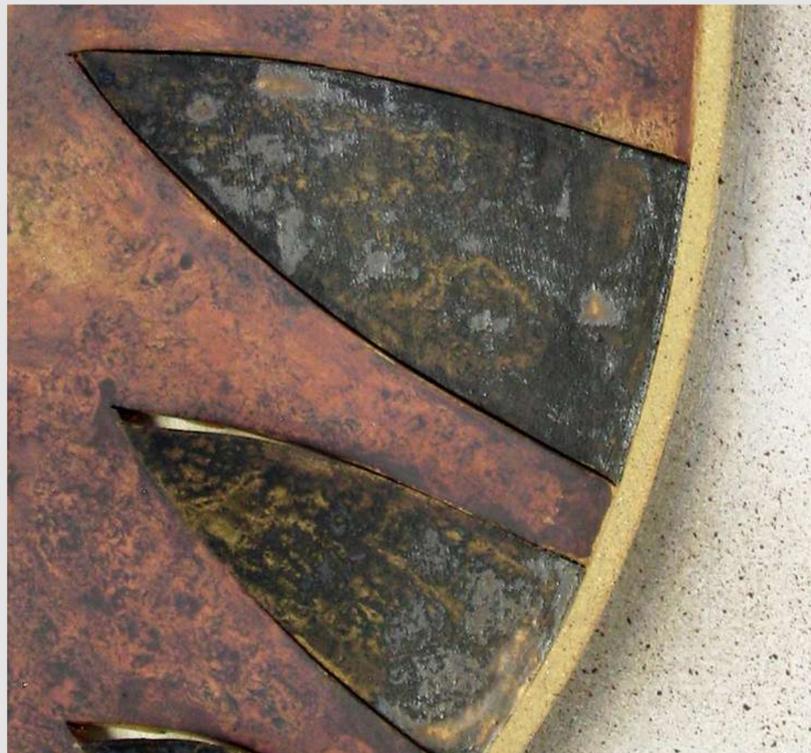
Como ferragens,
engrenagens retorcidas,
anéis-braceletes-jóias,
o que levamos
por dentro:
nossas mineralidades,
silenciosas.





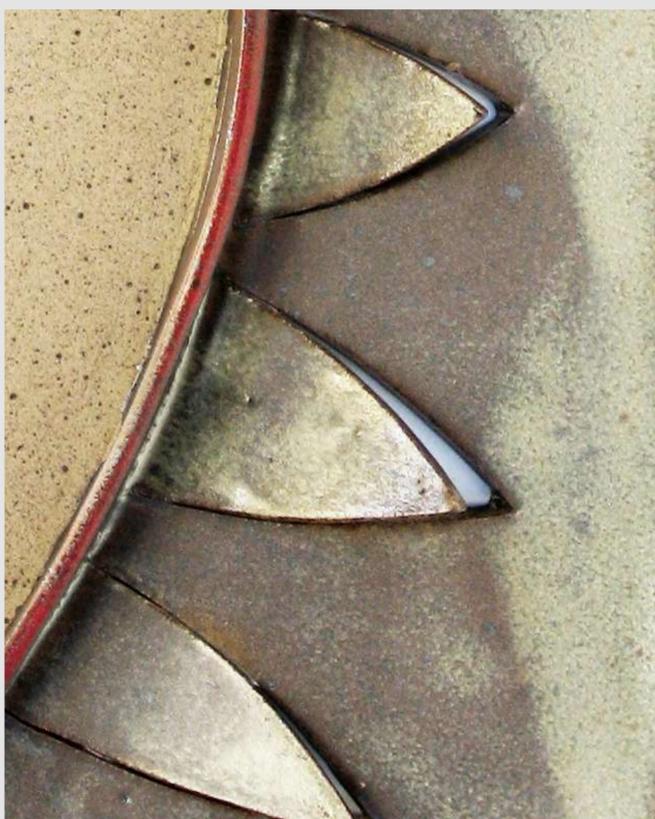


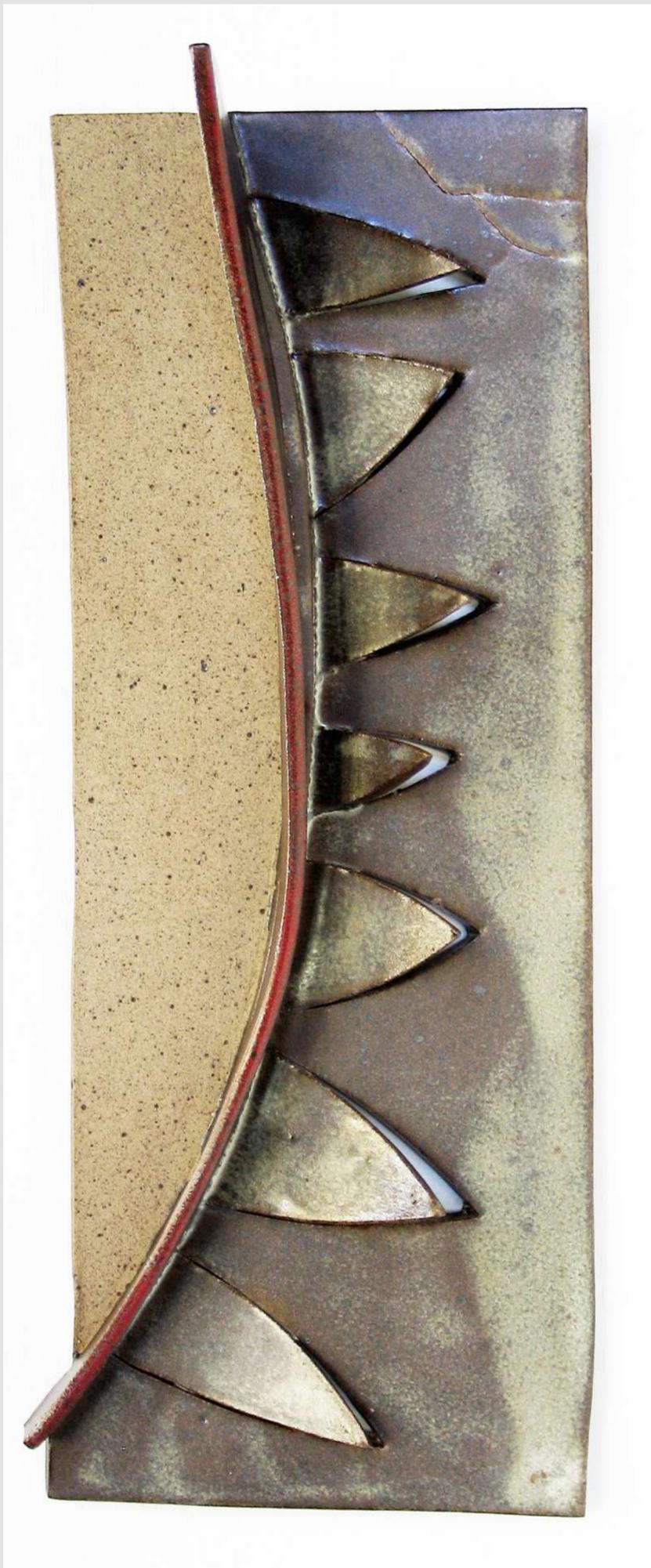
Há um desejo de voo
em cada passo,
em cada ranger
do corpo, às vezes
varrido pelo tempo.
Um desejo de mergulhar
no azul.





Ossos são escudos,
como se de bronze
ou de ouro,
para aguentar os dias,
as noites, as intempéries,
as partidas.





Guardamos em algum
esconderijo, caverna,
algumas garras
das águias, que às vezes
fomos, somos,
das que constroem
ninhos no ar.



Uma casa-corpo
de uma só pessoa,
com sua coluna
como a de um templo
onde cabe tanta gente
do passado-presente-futuro.
Em horas de susto
há um trânsito intenso.

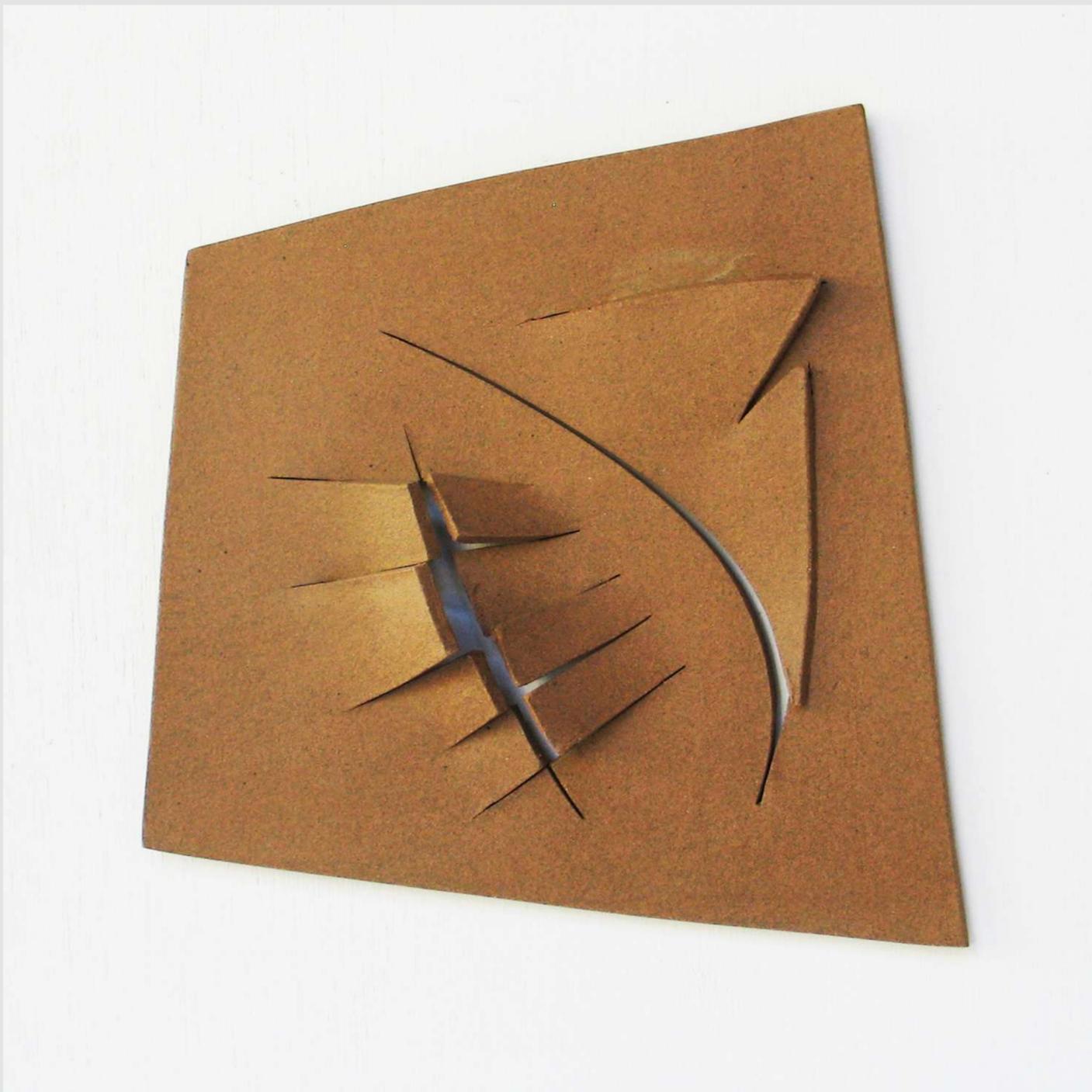






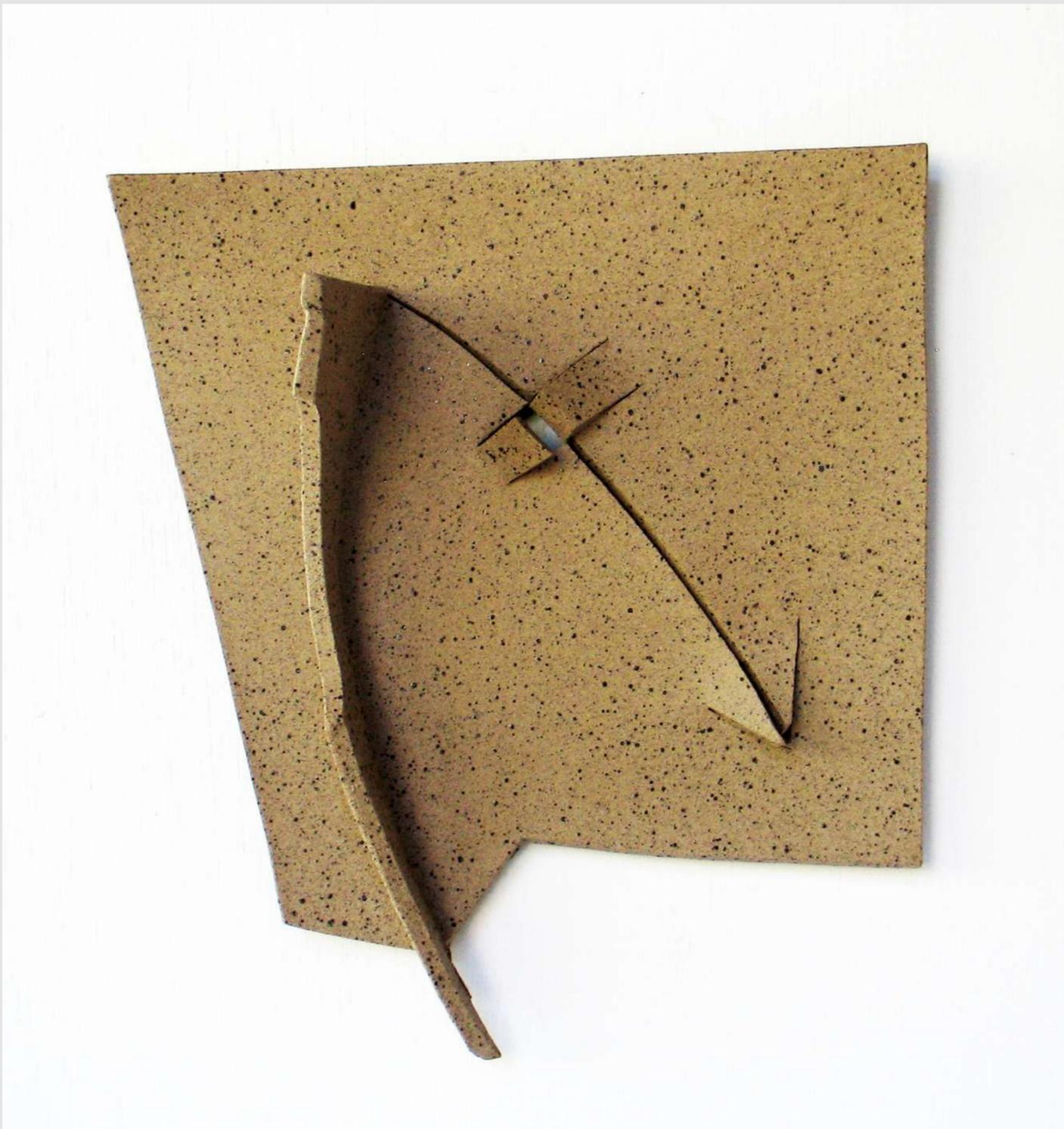
Oscilam com a lua
as setas do corpo:
em dias de eclipse
anunciam um caminho
assombrado:
é o que devemos seguir.



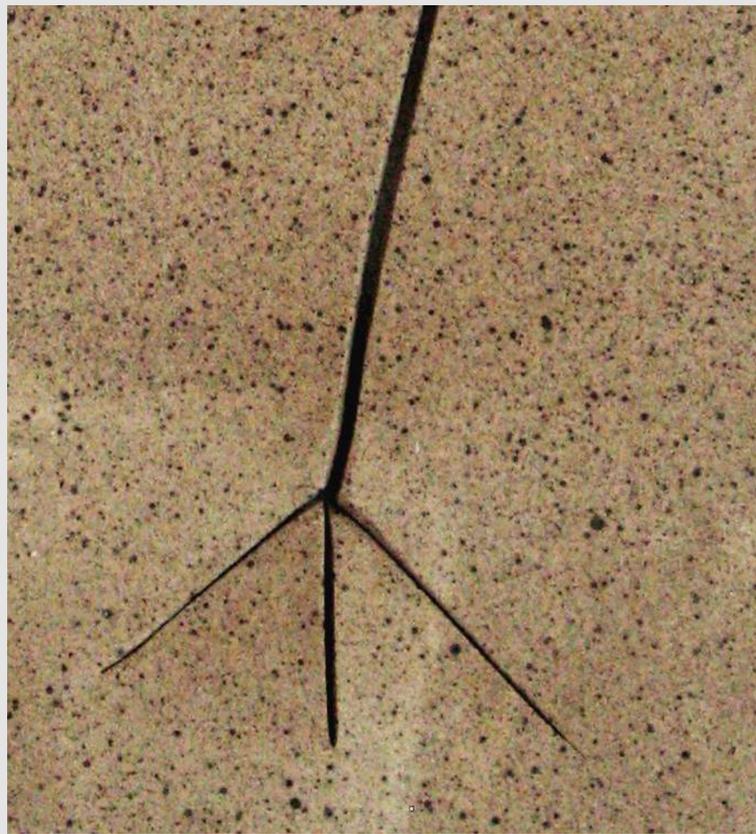


Em alguns momentos
os nossos ossos
se lembram
que viemos do mar,
parecem guelras,
escamas,
sobrevivemos
em profundezas abissais..



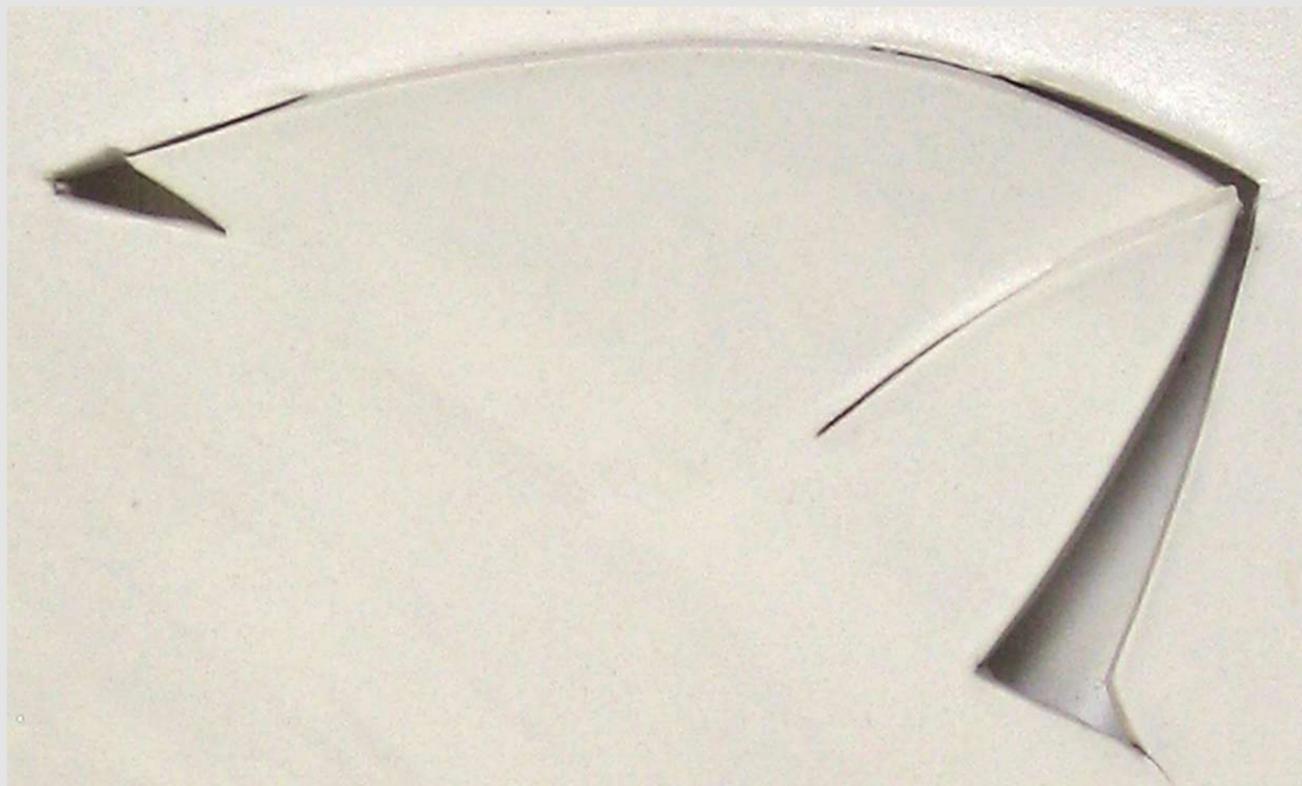


Basta uma fresta
para que a memória
escape
de algum lugar
oculto
e inunde os ossos
como a maré em lua-cheia.



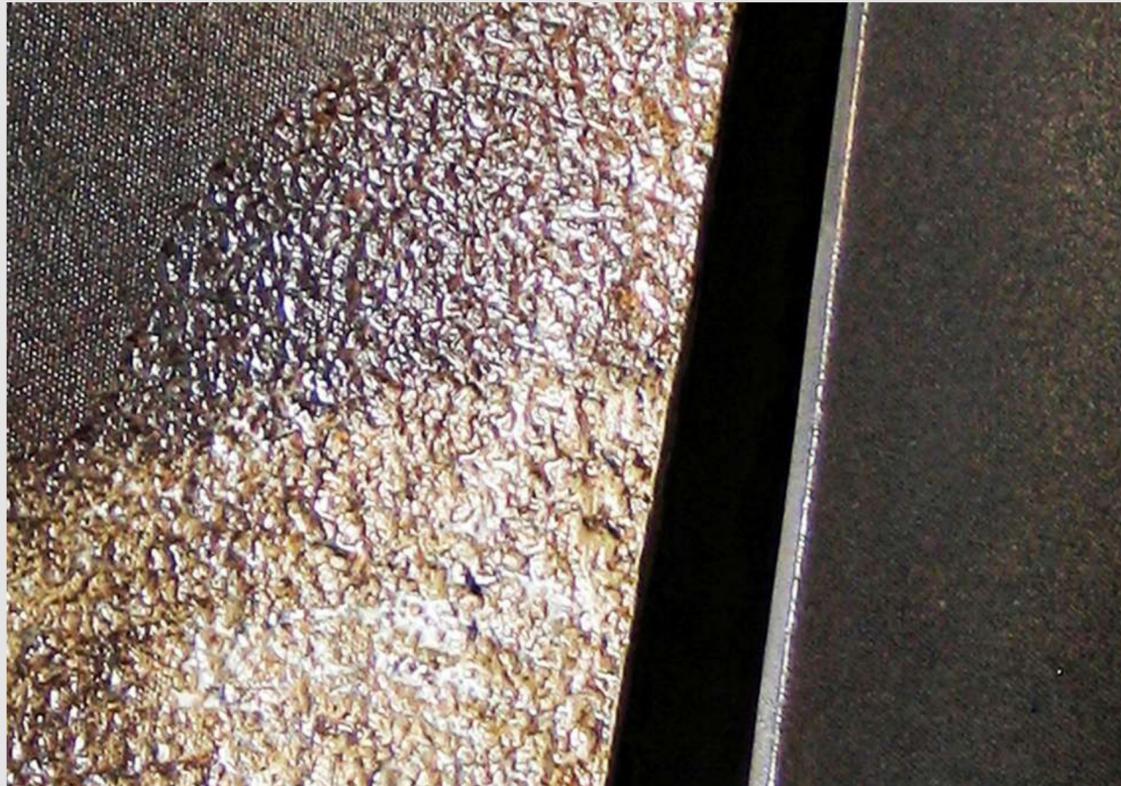


Debaixo da pele
plantei uma árvore:
espero que cresça,
que desembarque
em minhas mãos,
que dê frutos
para que possa ofertá-los,
o amor.





Sempre um talho:
nos ossos,
na pele,
no rosto,
nas mãos,
os cortes
que nos acompanham,
nossos passaportes,
o salvo-conduto.





Entre sol e sombra
há um caminho secreto
que se abre em horas
oblíquas.

Sem mapas ou setas,
com palavras de musgo
ou estanho,
atravessamos o labirinto.





Não é sempre,
mas acontece em alguns
momentos de tormenta:
a loba escondida
no mais recôndito
do nosso esqueleto,
precisa sair,
se nos olharmos
no espelho de relance,
aparece em nossa íris.





Como costurar ossos
gastos que não se encaixam
nos seus devidos lugares
e são nossas ampulhetas
escorrendo tempo?
Há que amansá-los
com música e poesia.



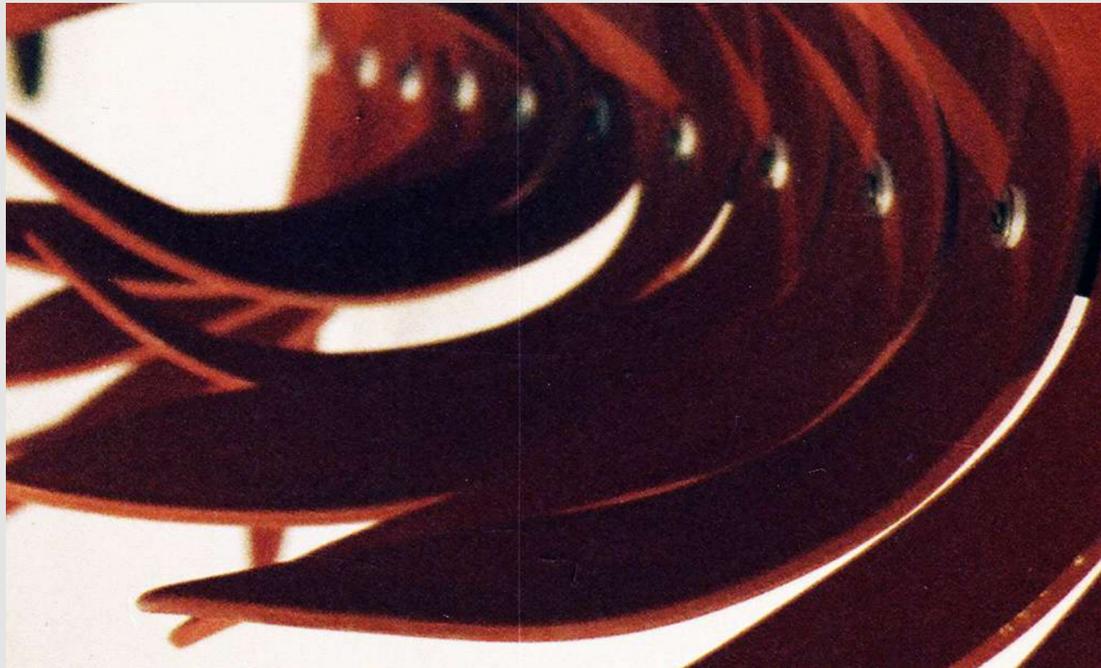


Um salto, um voo,
vogais e sílabas
no vento
nos dizem peixe,
águia, redemoinho
de estrelas.



As mãos carregam
rios caudalosos
e nossos silêncios,
nossos gritos,
são os desejos
que se grudam
nos ossos,
como se moluscos
na pedra.







Que pregos nos prendem,
quanto de arame farpado,
e cordas e desistências-
insistências,
até que se consiga
o voo sobre o abismo?





Pele com pele,
o amor se tece
e já não existe
dentro e fora,
os corpos ondulam
ao som do universo.



É quase um cálice
a gruta onde
nos escondemos
quando o medo
escapa
de suas amarras
e se espraia
e tinge os ossos.







No telhado do mundo
dois corpos dançam
infinitamente,
para que a Terra
também dance
ao som dos seus passos
e a lua dos poetas
se debruce
em nossos olhos.

A INQUIETANTE E BELA ANATOMIA DE EVELYN KLIGERMAN E ROSEANA MURRAY

“Existem corpos estranhos habitados pela linguagem: os corpos da espécie humana. Para dizermos francamente, eles são a vergonha da criação. São corpos vivos que são, ao mesmo tempo, doentes pela verdade.”

Jacques-Alain Miller

Sagrado ou profano, cultuado ou depreciado, intocável ou manipulado ao extremo pela tecnociência, fonte de prazer, gozo e sofrimento, o corpo humano sempre esteve presente nos mais diversos discursos: religioso, científico, filosófico, psicanalítico, poético. Suas diferentes concepções ao longo dos tempos produzem corpos a cada época, portanto.

Qual seria o estatuto do corpo na contemporaneidade? Pergunta difícil de ser respondida uma vez que o corpo para a psicanálise não é o mesmo para a medicina que não é o mesmo para a filosofia que não é o mesmo para a religião que não é o mesmo para a poesia e assim por diante. Entretanto há que se tentar dizer algo sobre esse corpo tão plural nessa babel discursiva.

O psicanalista francês Jacques Lacan cunhou a expressão discurso do capitalista para fazer referência à contemporaneidade. Segundo ele, este é o discurso hegemônico hoje e que revela a mudança do discurso do mestre efetuada pela ciência. O efeito disso é a crença de completude do sujeito e sua busca no consumo de objetos, alienando-se no consumo, para rejeitar a castração - sua incompletude, sua inconsistência estrutural - e se lançar no império do gozo sem limites.

Na mesma direção de Lacan, o crítico literário americano Fredric Jameson acredita que a pós-modernidade tem início a partir do momento em que o capitalismo penetra no inconsciente. Nesse sentido, para esse autor, a dita pós-modernidade, através do discurso do capitalista, promove nos sujeitos a ilusão de que o ideal possa ser de fato atingido, tornando possível o impossível.

Assim, tenta-se aplacar todo o mal-estar do sujeito através do controle e mudança dos corpos como se isso, por si só, fosse a garantia necessária para uma mudança subjetiva, para uma alteração dos afetos.

Em seu magistral livro de 1930, *O mal-estar na cultura*, com o qual foi agraciado com o prêmio Goethe - destinado à reconhecidas personalidades das ciências e das artes cujas realizações honram a memória do grande poeta alemão que dá nome ao prêmio - Sigmund Freud nos dá as chaves sem as quais seria impossível compreender os séculos XX e XXI .

Nesse incontornável e belíssimo texto, Freud nos fala sobre as três grandes fontes do sofrimento humano. Dentre elas encontra-se a relação do sujeito com um corpo fadado à deterioração e à decadência , passível à dor e ao medo.

De fato, a concepção freudiana de mal-estar dá-se em oposição à crença em uma felicidade em toda sua plenitude, malgrado as promessas da ciência, da técnica, dos avanços da razão, posto que "A vida, tal como nos é imposta, é muito difícil para nós, traz-nos muitas dores, desilusões, tarefas insolúveis. Para suportá-las, não podemos prescindir de medidas paliativas. (...) Essas medidas talvez sejam de três tipos: distrações poderosas que nos permitem menosprezar a nossa miséria, satisfações substitutivas, que a amenizam, e substâncias entorpecentes, que nos tornem sensíveis a ela". (FREUD, 1930:318-319).

As artes nos oferecem essas satisfações substitutivas, segundo Freud, que seriam ilusões em relação à realidade graças ao papel da fantasia em nossa vida psíquica . Dentre as satisfações das fantasias "está o gozo de obras de arte, que, por intermédio do artista, torna-se acessível também àquele que não é ele mesmo criador. Aquele que é receptivo à influência da arte sabe como avaliar suficientemente a importância dessa influência como fonte de prazer e como consolo para a vida. E, no

entanto, a suave narcose à qual a arte nos transporta não faz mais do que produzir uma libertação passageira das necessidades da vida e não é forte o suficiente para fazer esquecer a miséria real.

”(FREUD, 1930: 326-7)

O E-book *Anatomias*, que ora me cabe apresentar é mais uma parceria bem-sucedida na vida e na arte entre essas duas grandes artistas: Roseana Murray e Evelyn Kligerman. Contudo, agora repete-se a diferença: não é mais a Evelyn ilustrando poemas de Roseana, mas esta ilustrando com palavras e música as esculturas daquela.

As artistas, cada uma com sua matéria - seja a palavra, seja o barro - revelam sem pudor nosso interior, nosso avesso. Um corpo de ossos e tecidos sem as vestes da pele, dos pelos e da linguagem com as quais recalcamos o real do corpo (orgânico) atrás de nossa imagem corporal sustentada no imaginário e no simbólico.

48

Evelyn Kligerman incorpora em sua obra algo do inquietante, uma pitada de grotesco em suas belas esculturas para nos lembrar o estranho familiar que nos habita e do qual nada queremos saber. Já Roseana Murray, por sua vez, é absoluta devota do Belo, seus versos existem para tornar o mundo menos imperfeito. A grande beleza desse inédito encontro entre as duas artistas talvez seja exatamente sua capacidade de fazerem coexistir duas faces do humano: o belo e o grotesco, a alma que aspira às alturas e o corpo que acolhe as imperfeições, sua condição humana, a beleza da transitoriedade. É nesse sentido, um encontro barroco na medida em que esse corpo simbólico criado por elas aspira ao mesmo tempo transcendência e fruição de um gozo terreno.

Anatomias, de Evelyn Kligerman e Roseana Murray, é uma veemente reafirmação da aposta freudiana de que independentemente do caminho tomado pelos especialistas, o

poeta - o artista - já o teria feito antes. De fato, pode-se apreender muito mais sobre a anatomia humana, do que é feito o humano, aqui do que no melhores compêndios e tratados sobre anatomia, sobre humanos corpos.

Os versos de Roseana são um sopro de vida na particular anatomia engendrada por Evelyn. Seu bem-dizer é como um véu a recobrir a verdade dura que Evelyn insiste, tal como Freud, em nos anunciar: a finitude nua e crua dos corpos.

Mas não é graças à finitude, ao transitório, que podemos fruir a beleza da existência sempre precária e provisória que nos cabe cumprir?

49

William Amorim
Psicanalista. Prof. Me. em Literatura e Psicanalise.
Escritor e Poeta

Referências Bibliográficas:

FREUD, S. O mal-estar na cultura e outros escritos. São Paulo: Autêntica, 2020.
JAMESON, F. Pós-modernismo. São Paulo: Ática, 1997.

Ficha Técnica

POEMAS

Roseana Murray

ESCULTURAS

Evelyn Kligerman

FOTOART

Luis Mériço

APRESENTAÇÃO

Marici Passini

POSFÁCIO

William Amorim

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



ISBN nº 978-65-992425-7-1

Residência no ar edições digitais
Rio de Janeiro - RJ - 2021